

LAGES 01.09.2005

TEMA GERAL: EDUCAR E PROFISSIONALIZAR

---

## A ESCOLA E O MERCADO NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATUAL

### 1. Para começar

No mundo dos seres vivos encontramos a fantástica capacidade de auto-desenvolvimento, fenômeno denominado pelo biólogo chileno Humberto Maturana como *Autopoiese*. Os seres vivos, segundo ele afirma, são sistemas auto-referidos porque seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos. Isto significa dizer que a realização de cada organismo vivo depende do desenvolvimento do programa inscrito em sua própria estrutura genética, circunscrita ao espaço de sua espécie biológica. O ser humano, enquanto organismo vivo, é um sistema determinado na estrutura, mas, como um ser vivo cultural, ele se insere num sistema de intercâmbios sócio-culturais. Os seres vivos não-humanos, dizem os cientistas, têm seus limites impostos pela sua estrutura biológica, enquanto os seres vivos humanos conseguem redesenhar as estratégias de sua auto-realização através da liberdade de seu operar.

O processo de auto-desenvolvimento, conduzido pelas decisões livres de cada ser humano, pode ser descrito a partir de duas instâncias, frequentemente colocadas como opostas, mas que, na verdade, andam intrinsecamente unidas. Habitualmente essas duas instâncias são colocadas, uma, na esfera da individualidade; outra, no domínio da socialidade. No primeiro caso o indivíduo é tomado como um elemento isolável do contexto. Ele pode se realizar e ser feliz no meio de outros frustrados e infelizes. No segundo caso, o indivíduo é assumido como resultante de uma ordem social. Hoje, dificilmente alguém isola o indivíduo seja no âmbito da ordem social, seja na ordem do meio-ambiente e nem o considera como um produto, mero resultado das imposições sociais. Indivíduo, sociedade e meio-ambiente se fundem e se confundem dentro da idéia de complexidade. Os princípios da ecologia estão aí para demonstrar esta fusão entre o indivíduo e tudo o que o circunda, não importa se é a natureza ou se é a cultura.

A questão proposta, aqui, é identificar o envolvimento da educação física nesta tarefa de estar presente de forma atuante no processo de auto-desenvolvimento das pessoas numa visão de cidadania plena. O título da palestra, a escola e o mercado nos caminhos da educação física atual, em princípio, sublinha dois pontos, muito presentes nos debates sobre a identidade da educação física. O primeiro ponto aparece na formatação do currículo acadêmico como bacharelado ou como licenciatura. Daqui surge o segundo ponto, a formação do egresso do curso de educação física deve ter como base a formação pedagógica para atuar na escola? Ou deve obedecer às exigências do mercado de trabalho? Daqui surgiriam dois personagens, o do professor ou educador, e o do profissional ou trabalhador.

Neste sentido, tomo a liberdade de fazer referência ao meu livrinho de bolso, intitulado Educação Física: educar e profissionalizar. Faço esta menção porque o convite que foi feito estabelecia como tema a questão do educar e do profissionalizar, entretanto, para não queria repetir o que escrevi há seis anos e, ao mesmo tempo, corresponder ao que foi solicitado, julguei mais oportuno aprofundar um pouco mais a questão. Preciso lembrar, também, que não sou defensor de

uma oposição entre educação e profissionalização. Não se trata de dizer educar ou profissionalizar, e sim, educar e profissionalizar.

Não posso deixar de esclarecer que entendo a escola, nesta minha reflexão, como a instância do processo educativo, e o mercado como uma estratégia no interior sistema de produção. Também aqui, quero sublinhar que não pretendo colocar escola e mercado em oposição, ao contrário, há entre ambos uma relação recíproca.

Para atingir os objetivos que propus, preciso recorrer a um procedimento muito presente para quem tem uma formação acadêmica na área da filosofia. Trata-se de um apelo ou recurso à história. Todo fato tem sua história, isto é, sua gênese, seu desenvolvimento e suas conseqüências. Assim, um tema, uma questão, uma idéia ou um problema, que nos ocupam hoje, têm seus antecedentes. Por exemplo, a relação entre educação ou educar e profissionalização ou profissionalizar, embora seja uma questão relativamente recente na história da pedagogia, ela somente será compreendida à luz de suas origens.

## 2. Um pouco de história

Esse meu apelo à história, como recurso para fundamentar e tornar mais compreensível o raciocínio, é resultante de uma escolha pessoal. Outros estudiosos da questão poderiam optar por diferentes alternativas. Portanto, os fatos aqui trazidos, até certo ponto, são resultantes de uma decisão arbitrária, o que não significa sem critérios, porque eu os julgo indispensáveis para compreender o confronto entre educar e profissionalizar. Não sei se vou trazer novidades, talvez, seja muita ambição. O que eu gostaria de reforçar o debate neste momento em que a educação física passa por um momento muito especial diante de duas possibilidades curriculares: licenciatura e bacharelado.

A história da educação ocidental, desde a constituição de uma ordem social definida, nos mostra que a formação humana esteve sempre vinculada aos processos de socialização. Inicialmente ela acontecia informalmente no viver cotidiano. Com a complexificação da ordem social, a formação dos cidadãos passou a ser confiada às instituições escolares.

Não se trata, aqui, de refazer a trajetória desta educação escolar, mas, apenas, de sublinhar a relação entre escola e ordem social. Esta relação, obviamente, varia de uma época para outra. As grandes modificações acontecem quando ocorrem profundas mudanças na ordem social.

A escola, desde suas origens gregas até a Era Moderna, transmitia conhecimentos ou conteúdos cognitivos e valores éticos ou morais num processo harmônico. Não se fazia muita distinção entre o cognitivo e o valorativo, entre a ação intelectual e a ação moral, tanto que, em Sócrates, como nos relata Platão em seus diálogos, a verdade andava junto com a virtude. Assim, o sábio não podia não ser virtuoso, ou dito positivamente, o sábio necessariamente é virtuoso. A união entre o saber e a virtude reunia aquilo que se julgava indispensável para o pleno desenvolvimento da pessoa humana, segundo o ideal da Paidéia Grega, de que o homem vivo deve ser formado de alto a baixo, dos pés à cabeça. A educação devia formar o cidadão.

As atividades laborais não entravam nas preocupações da formação escolar. O aprendizado dos trabalhos acontecia por imitação. As novas gerações aprendiam trabalhar trabalhando com as pessoas mais velhas. Na Idade Média surgem os mestres artesãos que ensinam na prática os ofícios. Aprendia-se junto com o mestre. Até o aprendizado da medicina obedecia ao mesmo modelo. Não havia a teorização do agir, a base do ensino escolar. Os mestres tinham seus discípulos ou grupo de aprendizes vivendo, em geral, sob o mesmo teto.

Na idade moderna, a partir da era industrial, descobre-se que o conhecimento é o fundamento

da produção industrial. O sistema produtivo, em geral, toma como critérios exclusivos de seu operar o conhecimento científico e a tecnologia. A ciência torna-se responsável pelo grande desenvolvimento industrial, inicialmente na produção de artefatos que ampliam a força de trabalho do homem, culminando com as máquinas dotadas de inteligência artificial. Posteriormente as ciências avançam sobre o controle dos seres vivos, vegetais e animais pela transgenia e clonagem. Por fim, os cientistas resolvem transferir para o estudo do ser humano as experiências científicas anteriores.

Neste cenário, desenhado pelos avanços científicos e aperfeiçoamentos técnicos, se manifesta com muita clareza uma radical transformação da ordem social e da vida das pessoas. Instala-se, segundo afirma Hilton Japiassu, a ciente-tecnocracia a dirigir toda ação seja individual, seja coletiva. A organização escolar sucumbe a esse novo paradigma.

Agora, preciso focar a posição do indivíduo e da educação no contexto desta transformação da ordem social. Neste sentido é importante lembrar o ponto fundamental, referente à definição dos eixos de gravitação da ação pedagógica para os gregos, para os medievais e para os modernos. Os gregos defendiam, isto está muito bem explicitado na Paidéia Grega, que cada ser humano era definido pela Physis ou Natureza. Todos nasciam o que deviam ser na vida. A única atitude a tomar era assumir esse determinismo natural. Na medida em que o ser do indivíduo era estabelecido pela natureza, o agir devia acompanhar esse ser. Filosoficamente dizendo, a essência definia a existência. Esse princípio aristotélico, redefinido por Tomas de Aquino, diz: “Agitur sequitur esse”. O agir corresponde ao ser. Esse princípio valia para os homens e para todos os seres vivos.

A tese do naturalismo grego garantia a manutenção da ordem social vigente. O raciocínio é simples: se a manutenção da ordem social demanda diferentes tarefas, evidente que deve haver pessoas dotadas de capacidades distintas para executar tais tarefas. A natureza é responsável nos dois casos.

Os medievais que, aqui, eu os defino como sinônimo dos cristãos, mudaram pouco e seguem a mesma linha de raciocínio dos gregos. A diferença está em colocar Deus no lugar da Physis. A tese do Cristianismo afirma que cada um nasce com uma vocação definida pela Vontade Divina. É uma missão delegada por Deus a ser executada por cada pessoa durante a existência. O primeiro passo de cada um é descobrir essa vocação. A justificativa é a mesma. Deus é o criador do homem e da sociedade, a ele cabe prover o bom funcionamento de ambos.

A Idade Moderna, libertando-se do naturalismo grego e do teocentrismo cristão, proclama o antropocentrismo. O ser humano, isto é, cada pessoa, define o que quer ser na vida. Jean-Paul Sartre, resumindo o projeto do homem moderno, afirmou: “cada pessoa é aquilo que ela decidiu ser. Para além desse projeto não há mais nada”.

### 3. O projeto da modernidade e a educação

Vou ater-me, como já foi dito, ao projeto da modernidade porque, no meu entender, a distinção entre educar e profissionalizar ou, dito em outras palavras, entre a formação pessoal e a formação profissional foi formulada. Evidentemente não será possível revisar todo o projeto da educação construído pela modernidade, nem é o objetivo desta reflexão. Penso ser suficiente apresentar alguns aspectos que, no meu entender dizem respeito diretamente à questão do educar e do profissionalizar.

As ciências modernas construíram um modelo epistemológico sobre o postulado da objetividade. Em palavras mais simples, as ciências modernas somente aceitam conhecimentos que sejam comprovados, o que significa dizer que diante de um juízo todos, obrigatoriamente, admitem sua veracidade.

Quais as conseqüências disto? São múltiplas. Vou citar algumas, aquelas que se referem diretamente ao tema da palestra. Inicialmente, foi estabelecida uma distinção radical entre objetividade e subjetividade. Em segundo lugar, as ciências, aceitando somente os juízos de conhecimento como verdadeiros, excluíram todos os juízos de valor. Em terceiro lugar, a pesquisa científica ignora os valores como objetos de investigação.

Para explicitar um pouco mais. Todos sabem distinguir entre o que é subjetivo e o que é objetivo. Apenas para lembrar. O subjetivo está vinculado ao modo de perceber do sujeito, ao contrário do objetivo que independe do que pensam as pessoas. Assim um juízo de conhecimento é aquele que expressa a realidade do objeto. Por exemplo, a composição da molécula da água é H<sub>2</sub>O. Aqui temos um juízo de conhecimento. Agora, dizer que a água está fria é um juízo de valor. Pois ela pode estar fria para tomar um bom chimarrão, mas pode estar quente para quem quer beber. Fica claro que valor, aqui, refere-se a uma qualidade atribuída por um sujeito a algum objeto ou fato.

Como conseqüência final fica claro que todas as ciências, que tratam de valores, não são ciências no sentido estrito. Nesta situação estão todas as ciências ditas humanas, como a filosofia, a ética, a história, a psicologia etc. Elas se sustentam sobre opiniões, crenças ou doutrinas.

O maior dano causado pelas ciências naturais ou exatas, certamente, foi a exclusão da ética do convívio da produção do conhecimento científico. Este fato, em parte, pode ser justificado. A história das ciências nos mostrou que os princípios morais da ética medieval haviam se tornado um grande entrave para o avanço da produção de conhecimentos. O caminho seguido foi proclamar sua independência. Assim, o que contribuía para o progresso das ciências tornou-se moralmente defensável, mesmo contrariando a moral tradicional. Numa palavra, a ciência definiu-se como o fundamento da ética do seu operar. Ou, a ciência seria o novo referencial de eticidade. A ciência deveria prestar contas exclusivamente a si mesma.

Já nas últimas décadas do século passado, diante da ampla liberdade das pesquisas científicas, muitos cientistas de diferentes áreas do saber, juntamente com não-cientistas, começaram a falar em impor limites à ciência em nome de princípios éticos. A restauração da eticidade não está sendo fácil. Apelar para restrições legais, parece não ser um procedimento eficaz. Tudo indica que o caminho mais seguro seria refundar a ética com outros fundamentos, entre eles, poderia ser a vida. Daí que, a bioética poderia ser o novo nome da ética.

É neste contexto que, no meu entender, se enquadra perfeitamente o debate sobre a possibilidade da distinção entre educar e profissionalizar, talvez, de modo mais significativo para a educação física.

#### 4. A escola moderna

As instituições escolares, desde sua invenção, receberam como tarefa primordial a preparação das novas gerações para o ingresso na ordem social vigente. No fundo, a escola era organizada de acordo com as exigências da manutenção da sociedade. Por isso o acesso à educação escolar dependia do que era exigido dos cidadãos para exercerem determinadas atividades de caráter social. O acesso foi sendo ampliado a um maior número de participantes segundo as exigências do nível de participação na vida coletiva. Da mesma forma, os conteúdos transmitidos na escola eram definidos pelo grau de exigências impostas ao egresso da escola para ter o direito de exercer determinada atividade.

As demandas sociais variam de época para época, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade. A escola, na verdade, sempre foi moldada de acordo com os interesses da manutenção da organização social vigente. O questionamento desta submissão da escola surgiu com muita força na

década de sessenta. Lembro dois autores, bastante citados entre nós, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, com sua obras *Les Héritiers: les étudiants et la culture* (1964) e *La Reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement* (1970). Entre nós não posso de deixar de lembrar a importante obra de Paulo Freire a começar pelo seu método de alfabetização.

Esses autores tinham como proposta pedagógica desenvolver uma educação libertária, condição primeira para o exercício da liberdade e de conscientização como formas de inclusão social.

O resultado deste esforço na busca de uma pedagogia mais libertária parece que não conseguiu concretamente mudar o papel da escola. As resistências vieram de todos os lados. O poder econômico e o sistema de produção industrial fortaleceram a escola moderna com o aumento do volume de conhecimentos e com maiores exigências de aperfeiçoamento técnico.

A ação pedagógica da escola moderna, especialmente como ela acontece desde a segunda metade do século passado, perdeu o perfil da formação pessoal em favor de um projeto profissional. No Brasil a reforma de 68 marcou essa virada da formação humanista para a formação cientificista. Com isso se delineou um confronto pedagógico tendo, de um lado, um currículo com disciplinas humanistas; de outro lado, um currículo com as disciplinas científicas. No primeiro caso, o objetivo era a formação humanística, no segundo, a formação profissionalizante.

Inicialmente, penso, seria importante questionar a legitimidade deste dualismo. De um lado a pessoa, do outro lado o profissional. As duas dimensões não poderiam constituir uma unidade? A resposta correta seria sim. De fato, o que aconteceu foi o contrário. E os fundamentos desta separação são facilmente encontrados. Vejamos.

a) As ciências ou o conhecimento científico proclamaram sua independência em relação ao sujeito ou à subjetividade. Conhecer é um ato impessoal.

b) Os saberes que interessam ao processo de produção são os conhecimentos produzidos pelas ciências empíricas, também denominadas de naturais ou exatas.

c) A cientificidade destas ciências passou a ser a única forma de garantir uma correta intervenção na realidade.

d) O positivismo científico passou a ser adotado como o único parâmetro das decisões humanas em todos os campos da atividade humana.

c) Os saberes, marcados pela subjetividade, passaram a ter um valor secundário ou inútil, pelo menos para o sistema produtivo.

e) As ciências humanas e os saberes alternativos não necessários para formar um profissional.

Diante do exposto ficou claro que a pedagogia da escola moderna, organizada para o serviço do sistema de produção, foi levada a privilegiar o ensino/aprendizagem de conteúdos cognitivos. Os currículos escolares, em todos os graus, foram moldados por disciplinas profissionalizantes. Os próprios alunos acabaram vendo nas disciplinas humanísticas, pura perda de tempo. Isto acarretou a quase exclusão das disciplinas de caráter educativo e a conseqüente supervalorização das disciplinas científicas.

É importante lembrar que a formação pessoal concentra-se sobre as necessidades da vida das pessoas. O ponto de partida, se pode dizer, está no princípio socrático, “conhece-te a ti mesmo”. Nela ocupa um lugar de destaque o cultivo da sensibilidade, da afetividade e das emoções. Nela se incentiva o debate dos valores morais. Nela se busca o equilíbrio da personalidade. Nela se incentiva o compromisso com a justiça, a liberdade e o amor nas relações inter-pessoais. Enfim, a formação pessoal tem como objetivo maior o desenvolvimento da plena cidadania, condição indispensável para participar ativamente dos destinos da sociedade, através de um apelo muito forte à consciência e à conscientização..

A formação profissional, por sua vez, coloca num segundo plano a pessoa para concentrar-se

no desenvolvimento das capacidades intelectivas e das habilidades técnicas. O objetivo maior é adquirir um perfil produtivo destinado a ocupar um lugar no mercado de trabalho através do domínio de conhecimentos específicos e da aplicação de tecnologias eficazes.

Para complementar esta separação entre formação humana e formação profissional, vou recorrer a alguns exemplos, colhidos na minha experiência acadêmica. Vou reproduzir, com palavras minhas, o que ouvi.

Primeiro exemplo. Eu sou um profissional do jornalismo e, como professor, tenho o compromisso com a formação de um jornalista profissional, por isso minha obrigação é ensinar a ciência e as técnicas do jornalismo. As questões éticas, de justiça e de verdade são de responsabilidade de cada um, não fazem parte do jornalismo. (Professor da UFSM).

Segundo exemplo. O compromisso meu, como advogado, é o interesse do meu cliente. A verdade dos fatos não entra no mérito dos meus raciocínios e dos meus argumentos. (Professor da UFSM, pertencente ao departamento jurídico da mesma universidade)

Terceiro exemplo. Uma dissertação tendo como tema, o lugar da sensibilidade na formação do profissional da enfermagem, provocou constrangimentos. Os depoimentos dos acadêmicos foram contundentes mostrando o total descaso das dimensões pessoais. Nada que atendesse aos sentimentos, às emoções, à afetividade ou à sensibilidade do enfermeiro diante do paciente. Tudo girava em torno da neutralidade racional e dos procedimentos técnicos.

Quarto exemplo. No início da década de 80, o coordenador do curso de medicina da UFSM promoveu uma tentativa de reforma curricular nos quatro primeiros semestres do referido curso. Na primeira reunião, presentes os professores responsáveis pelas disciplinas, cada professor apresentou a relevância da própria disciplina na formação do futuro médico. Todos, sem exceção, afirmavam: “Minha disciplina é fundamental, a atual carga horária é insuficiente para dar conta do conteúdo. É indispensável um aumento de horas-aula”. Quero sublinhar o emprego do adjetivo possessivo.

Depois de terminada a rodada dos professores médicos, o coordenador voltou-se ao professor de antropologia, que não era da área médica, mas do departamento de filosofia, e lhe diz: agora é a sua vez, professor.

A intervenção começou assim: Vou fazer apenas duas referências. A primeira para dizer que a disciplina não é minha. Eu a estou ministrando desde 77 a convite do coordenador. Ela deve ser mantida ou não a partir de uma exigência do perfil de médico que o curso quer formar. Pela segunda referência, quero lembrar que várias vezes, nas manifestações dos que já falaram, foi citada a definição proposta pela UNESCO: “O homem é um ser bio, psíquico e social”. A partir desta definição pergunto: quais são as disciplinas oferecidas pelo atual currículo que atendem as dimensões do psíquico e do social?

Antes de concluir esta parte, não poderia deixar de referir-me à questão bastante desafiadora e, até, polêmica da distinção entre bacharelado e licenciatura. O bacharel teria como terminalidade, em alguns casos, o mercado de trabalho ou a pesquisa, em outros casos. Caberia ao licenciado o magistério. Não vou me estender neste debate, entretanto, no meu entender, tal distinção é decorrente do momento que vivemos, dominado pelas demandas do sistema produtivo e pela separação entre a formação pessoal e a formação profissional.

## 5. O mercado

O mercado foi conhecido, desde o tempo dos fenícios, a atividade de compra, venda e troca de mercadorias. Com a era industrial, quando foram definidas claramente as instâncias do capital e do trabalho, ou como alguns jornalistas gostam dizer, o andar de cima e o andar de baixo, instalou-se o

mercado de trabalho. Este absorve a mão de obra, isto é, a força de trabalho. De um lado são vendidos os potenciais da força produtiva, de outro lado é oferecida uma atividade produtiva remunerada. Tanto a força quanto a atividade podem ser de caráter braçal ou intelectual. É no espaço entre as exigências da força braçal e a força intelectual que se instala a escolaridade profissional.

Não posso aqui aprofundar as questões como as leis do mercado, suas grandes virtudes da competência e da competição, seus objetivos inalienáveis do lucro, seu dinamismo de produção e consumo, etc. O aspecto que devo sublinhar é a condição do mercado como meta final da escolaridade profissionalizante. A escola nos encaminha para o mercado, o grande portal de entrada do sistema de produção. Um exemplo muito elucidativo do que acabei de afirmar, embora de caráter regional, é a Feira das Profissões, um evento promovido na UFSM, onde são apresentadas as alternativas de ingresso no mercado, que o candidato pode encontrar em cada curso. Tudo fica concentrado no universo de possibilidades de trabalho, com reforço especial de ganhos ou lucros. Em nenhum momento, pelo que eu constatei, se fala de realização pessoal, de compromisso social e de vida feliz.

Para melhor expressar o tema da educação e do mercado, resolvi recorrer às idéias de quem tem mais autoridade e experiência. Refiro-me a um autor que já citei, Humberto Maturana quando afirma que “não se pode pensar em educação sem antes, ou simultaneamente, refletir o projeto de país no qual estão inseridos nossos projetos de vida e de trabalho”.

Antes algumas palavras sobre Humberto Maturana Romesin, nascido em Santiago do Chile em 1928. Formou-se em medicina no Chile e fez doutorado em biologia na Universidade de Harvard em 1958. Vou lembrar apenas duas obras que, no meu entender, são fundamentais para aprofundar o tema desta minha fala. Primeira, *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* (1990); segunda, *Amor y Juego: Fundamentos Olvidados de lo Humano*. Esta em co-autoria com Gerda Verden-Zöllner. (1994) Tradução: *Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano*.

Nas duas obras pode-se encontrar uma defesa apaixonada e, ao mesmo tempo, científica, da formação humana pelo respeito à sensibilidade, às emoções e ao amor, como a mais elevada forma de emocionalidade e de sensibilidade. Fundamento de toda a vida humana, a começar pelo respeito de si mesmo e como condição primeira de socialidade.

Destas obras extraí um depoimento em que ele se refere às preocupações atuais com o mercado. Não seguirei literalmente o texto, mas os fatos e as idéias.

No ano de 1948, escreveu ele, logo no início dos meus estudos universitários do curso medicina, houve uma reunião dos estudantes do primeiro ano para declarar nossas identidades políticas. “Quando isso aconteceu, embora a diversidade das identidades políticas, havia um propósito comum: devolver ao país o que estávamos recebendo dele. Quer dizer, vivíamos nosso pertencer a ideologias diversas como modos diferentes de cumprir nossa responsabilidade social de devolver o que recebemos. O compromisso explícito de realizar a tarefa fundamental de acabar com a pobreza, com o sofrimento, com as desigualdades e os abusos”.

Continuando seu depoimento, Maturana constatava que a situação e as preocupações dos estudantes de hoje mudaram. Hoje, os estudantes se encontram no dilema de escolher entre o que deles se exige, que é preparar-se para competir no mercado profissional, e o compromisso de sua vinculação social, que, em princípio, os motivaria a desejar mudar uma ordem político-cultural geradora de excessivas desigualdades, que trazem pobreza e sofrimento material e espiritual. E concluía, certamente há uma grande diferença entre empenhar-se nas lutas para acabar com as injustiças sociais e preparar-se para competir no mercado de trabalho.

Finalmente vou estar chegando à questão principal: **como fica a educação física neste cenário.**

## 6. A educação física no caminho do mercado

A história referente à constituição dos primeiros cursos nos mostra que eles se confundiam com a ciência correspondente. Um curso surgia para ensinar uma determinada ciência. Assim aconteceu com o curso de física, de química, de biologia, de matemática, de filosofia, de história, de psicologia, etc. A partir da era industrial, com a vinculação do conhecimento ao trabalho e pelo aumento das exigências de especialização e controle sobre a intervenção na realidade física, humana e social, começaram surgir cursos profissionalizantes. As suas origens dependem da demanda da ordem social. As demandas sociais, portadoras das necessidades do processo de desenvolvimento da vida humana, definem a necessidade da criação de um curso para formar um profissional habilitado a atender as necessidades da sociedade. Esses cursos, inspirados nas características da demanda social, buscam conhecimentos e técnicas existentes indispensáveis para a formação de um profissional competente.

A trajetória histórica do curso de educação física não é preciso repetir. Todos conhecem através de uma vasta literatura. O aspecto que preciso lembrar é que o curso de educação física não se originou de uma ciência. Aliás, a questão da educação física enquanto ciência ainda carece de confirmação. O seu nome é claro, ela é educação.

Quero chamar a atenção sobre as palavras: educação física, elas dizem tudo. É um curso que foi criado como ação pedagógica. Voltado para a educação escolar de primeiro e segundo grau. Portanto, uma demanda educacional. Para responder a essa demanda foi preciso criar o curso superior como licenciatura para formar professores. É bom lembrar que, no Brasil, ele é muito recente. Antes havia, apenas, aulas de ginástica.

Essa primeira demanda escolar, é bom que se acentue, carecia de tradição pedagógica. Os autores que tratam da questão, e são vários, acabaram por vinculá-la às teorias pedagógicas cognitivas, situação que os levou a construir uma história, mais fruto da imaginação do que da realidade. A educação física, como não tinha tradição escolar e como não fazia parte das ciências, acabou por adotar um currículo trazido das escolas militares. E estas, mais que disciplinas científicas, ofereceram conjuntos de exercícios físicos e uma série de práticas esportivas, algumas com pouca viabilidade escolar, como a esgrima, a canoagem, a natação, a equitação. Ficou claro que não houve um projeto inspirado em princípios pedagógicos específicos. Posteriormente, para fugir dos parâmetros militaristas, o caminho mais fácil foi adotar como conteúdo práticas esportivas. O Professor português, Jorge Bento, por exemplo, se manifesta profundamente grato ao esporte por ter preenchido o vazio existente na educação física. Tudo demonstra que não houve uma preocupação em desenvolver uma cultura corporal. Faltava uma compreensão de corporeidade. Nem se pensava em pensar a corporeidade como condição humana. O foco das teorias pedagógicas privilegiava, e ainda privilegia, o desenvolvimento intelectual. A educação física deveria entrar na escola como um seu apêndice, com a justificativa de corpos saudáveis, higienizados, disciplinados e dóceis.

O apelo mais recente, dirigido à educação física, vem do mercado de trabalho. Neste sentido, gostaria de fazer duas considerações, tentando entender esse apelo. A primeira refere-se ao fato de que a educação física, ao entrar na escola, concentrou suas atividades e preocupações nas práticas esportivas, em especial, as modalidades com bola. E, pelas minhas observações, sem contestações. Com a segunda consideração quero lembrar a imensa participação popular na prática do futebol, reforçada pelo grande número de clubes e de eventos. Todos os clubes passaram a exigir uma formação adequada para seus treinadores e preparadores físicos. O único curso existente que poderia responder de imediato para essas tarefas era a educação física.

Outro fator importante, também oriundo de um apelo social, foi o rápido crescimento de academias destinadas a manter a forma física. De uma parte, havia a necessidade de compensar as conseqüências do sedentarismo; de outra parte, surgia a imperiosa obrigação de queimar calorias e enquadrar-se nos padrões estéticos para um corpo belo e sedutor.

Neste cenário, traçado em linhas gerais, está sendo desenhado o perfil profissional egresso do curso de educação física. No começo, os currículos acadêmicos continuavam sem maiores modificações. Entretanto, por iniciativa daqueles que privilegiavam o caráter profissionalizante, começou uma campanha para criar o curso de bacharel, cujo objetivo era formar um profissional. Permanecia, contudo, a questão do currículo que estava voltado para a licenciatura. Sem muitas modificações curriculares, os bacharelados já estão em pleno funcionamento em várias universidades.

Não quero entrar, por falta de tempo, no mérito destas questões, embora, as julgue de suma importância. Entretanto é importante saber o que acontece na esteira do curso de bacharelado e na virada para a formação profissional.

A primeira exigência é repensar o currículo que deve ser elaborado segundo o perfil do profissional que se quer formar. E isto depende da competência que dele se exige em função das tarefas a desempenhar. Em segundo lugar a estatus de profissional acarreta sua inclusão na categoria dos profissionais liberais. Isto significa dizer que é preciso cumprir uma série de ordenações legais e institucionais. Em parte já atendidas. Entre elas está a elaboração do estatuto do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Educação Física. CONFEF E CREFs, respectivamente. O estabelecimento de um código de ética e de uma comissão de ética, já que não são mais regidos pelas normas do magistério.

Todas essas exigências, sem dúvida nenhuma, estão intimamente ligadas à questão da reserva e do controle do mercado.

A conseqüência mais significativa, no meu entender, se dá na compreensão, especialmente, do corpo humano. O corpo humano passa a ser um material a ser trabalhado e transformado em função do que dele se quer. Tomemos como exemplo, dois fatos. O corpo, enquanto é disciplinado para desempenhar funções específicas em determinadas modalidades esportivas. Não é o corpo o ponto de referência para se definir quais os exercícios que devem ser praticados, mas a modalidade esportiva. Outro fato é a da busca de formas estéticas nas academias. Aqui não se pode dizer que se repete o que acontece nos treinamentos esportivos. Em princípio, quem define os exercícios são os padrões estéticos sociais.

Talvez, seria interessante observar, também, uma deficiência de linguagem apropriada para designar o profissional da educação física, a exemplo de outras profissões. A palavra fisicultor poderia ser uma palavra interessante, mas, parece, não está vingando. Nos esportes, a palavra treinador está sendo evitada. Muitos preferem chamar de professor. Em outros casos apela-se para palavras inglesas, como personal trainer ou personal training. Apenas mascaram a pouco simpática expressão treinador. Dizer treinador pessoal ou treinamento pessoal soa muito grosseiramente.

Definitivamente o corpo assume a condição de objeto apropriável para ser usado no desempenho de tarefas ou para assumir formas de interesse de seu proprietário. O corpo, entrando no mercado, passa a ser um investimento que, submetido à lei suprema do sistema produtivo, precisa dar lucro.

No interior das instituições universitárias a educação física ainda não se homogeneizou administrativamente. Por decreto do Ministério da Educação foi colocada na área da saúde. Em várias instituições é possível encontrar a educação física como um instituto autônomo, como Centro ou como Escola.

Antes de entrar na última parte, a da educação física educativa, preciso dizer-lhes que eu

continuo defensor radical da educação física como ação pedagógica. Não sou contra a profissionalização, mas sugiro o caminho da criação de um curso novo, com outro currículo e com outra nomenclatura.

## 7 .A educação física educativa no caminho da escola

Chegou o momento mais desafiador desta minha palestra, apresentar argumentos convincentes para assegurar a educação física como ação educativa. Para realizar esta minha tarefa, vou basear-me, fundamentalmente, nas idéias de Humberto Maturana, de Gerda. Verden-Zöller e António Damásio.

Quero lembrar, inicialmente, que toda educação praticada em nossas escolas foi construída sobre teorias pedagógicas cognitivas, portanto, a educação gira em torno do desenvolvimento das capacidades intelectuais. Acredito não cometer nenhum exagero ao afirmar que a tese filosófico-antropológica adotada é a de Descartes, o famoso “penso, logo existo. Isto é, o pensamento humano é uma atividade que independe do corpo. Tese muito bem refutada por António Damásio em seu livro, O Erro de Descartes.

Diante disto, penso plenamente correto afirmar que o corpo nunca foi preocupação pedagógica, a não ser como uma entidade a ser disciplinada. Assim, concluo que a educação física, apesar de seu nome, ainda não conseguiu ser educação física.

A tarefa da educação física educativa é encontrar os fundamentos de sua ação pedagógica presentes na compreensão da corporeidade humana, assim como a educação cognitiva encontrou nas faculdades intelectivas, ambas estão enraizadas na compreensão do ser humano.

### 7.1 Compreensão do ser humano

O ponto de partida, como não poderia deixar de ser, começa pela compreensão do ser humano, ponto inicial de qualquer projeto de desenvolvimento cultural. O ser humano, antes de tudo, é um ser dotado de um sistema vivo. A estrutura inicial total de um sistema vivo determina apenas um ponto de partida estrutural, comum a todas as evoluções. Esta tese, adotada por Gerda Verden Zöller em seu trabalho sobre o brinquedo, está muito bem explicada por Humberto Maturana e Francisco Varela em sua obra conjunta, De Máquinas e Seres Vivos : Autopoise – a organização do Vivo. Invoco esta tese porque, no meu entender, ela conduz a uma revisão radical na antropologia tradicional e, em especial, na compreensão de corpo. Vejamos suas linhas gerais.

- Os seres vivos gozam de autonomia no seu processo de desenvolvimento. A sua estrutura genética lhes garante esse privilégio ou dinamismo.
- Os seres vivos, humanos ou não, são definidos como sistemas auto-referidos, isto é, são sistemas em que o seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos. Em oposição estão os sistemas alo-referidos, cujo operar está em relação a um produto ou a algo distinto deles.
- Esta organização de um ser vivo, enquanto sistema auto-referido, é denominado de Autopoise, que significa auto-organização e auto-criação. Os seres vivos são seres autopoieticos. A sua organização e sua realização estão inscritas neles mesmos. É possível distinguir diferentes ordens de sistema autopoieticos. As células, por exemplo, pertencem à primeira ordem, porque existem como sistemas autopoieticos moleculares. No nosso caso somos sistemas de segunda ordem, por sermos sistemas estabelecidos como agregados celulares. A terceira ordem, a autopoiese resulta do agregado de organismos, por não ser próprio do sistema. Aqui se encontram a colméia, a colônia, a família e o sistema social.

Diante do exposto pode-se concluir que toda intervenção planejada para agir sobre um sistema auto-referido deveria respeitar sua dinâmica autopoietica, por ser original. Um dos princípios da medicina hipocrática propunha que toda ação terapêutica deve auxiliar o corpo em suas linhas de força vital, nunca substituí-las.

## 7.2 A compreensão de corpo

A compreensão de corpo deve ser elaborada a partir da idéia de que o ser humano é um ser vivo como sistema auto-referido, muda radicalmente. O ser humano começa com a origem de sua estrutura genética, o que significa dizer, com sua corporeidade. O corpo não é mais uma parte do ser humano, mas a totalidade. Não pode mais ser enquadrado nos conceitos de matéria, oferecidos pela física e pelas tradições filosóficas ou teológicas, em oposição à mente ou ao espírito. O corpo é o conjunto de todas as possibilidades de manifestação do ser humano.

O processo de autopoiese de cada pessoa humana começa com a formação do ovo humano, passa pela gestação e se estende durante toda sua existência. A autopoiese ou auto-criação é o processo de desenvolvimento do sistema vivo presente em cada pessoa. Entretanto ela não se dá isoladamente, mas no sistema complexo de relações e interações com o mundo circundante. Segundo Gerda, a corporeidade humana, devido sua constituição biológica, não é fixa. Ela dotada de uma plasticidade de desenvolvimento próprio de todo sistema vivo cuja estrutura sofre a influência de suas interações com o meio físico e social. Assim, deve-se considerar o corpo como a estrutura, inscrita no seu código genético, que direciona sua total evolução. Neste sentido somos obrigados a considerar os primeiros momentos da origem desta estrutura para entender a constituição da corporeidade. Simplificando, sob o ponto de vista biológico, tal constituição poderia ser estabelecida em três momentos: ovo, embrião, feto e corpo (nascimento). Há um momento em que essa estrutura passa a viver seu operar e a reagir frente às interações com o mundo exterior em fases sucessivas. As pesquisas sobre a vida intra-uterina nos mostram os tempos em que tais comportamentos começam. Por exemplo, as reações aos sons musicais iniciariam a partir da 28ª semana de gravidez. Mas é no nascimento que se pode perceber de maneira mais visível o significado da vivência corporal. O modo como uma criança vive sua corporeidade, nos primeiros anos de vida, escreve Gerda, não é indiferente ao seu desenvolvimento. É aqui que se começa a não respeitar a corporeidade vinda à luz. Ela começa por não ser identificada a partir dela mesma. Sua identidade é traçada a partir de ter herdado características de familiares. Essa imposição vida de fora, a critério da maneira de ver o recém-nascido, continua se agravando ao longo de vida. Segundo Georges Vigarello, “O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura inscreve seus signos na forma de brasões” (Le Corps Redressé – Histoire d’un pouvoir pédagogique).

A corporeidade, ao assumir a dinâmica de sua autopoiese pelo nascimento, acelera as suas manifestações em direção à sua plenitude que seria a consciência. Nela estariam incluídas todas as manifestações de ordem espiritual, sem perder sua dependência corporal. Maturana sustenta que “isto que distinguimos na vida diária como a mente, a psique ou a alma, é a forma de relações de um organismo em seu domínio de existência, ou um de seus aspectos. Segundo Gerda, “o fato de existirmos em nossas corporeidades como entidades plenamente espirituais é evidente na vida diária, no sofrimento espiritual que vivemos com os sofrimentos de nossas corpos e vice-versa” (p.129).

Infelizmente, na cultura ocidental, foi outorgada às manifestações espirituais da corporeidade uma autonomia radical. A mente, a alma, a razão ou a consciência passaram a ser tratadas como entidades independentes. A imagem de um Deus espiritual criador e doador do espírito, como fator essencial da humanidade do homem, proporcionou o fundamento da separação entre (argila) corpo e

sopro (espírito).

Ao aceitarmos a distinção essencial da separação de corpo e espírito como entidades que se negam mutuamente, começa, para as culturas ocidentais, uma trajetória de vida marcada por conflitos que, por sua vez, geraram muito sofrimento e conseqüências trágicas de intolerância. A superação desta história dualista somente será alcançada quando conseguirmos desenvolver uma experiência de unidade que uma corpo e mente num só ser vivo.

O tempo e os limites da tarefa não permitem estender mais a tema da compreensão do corpo, como identidade do ser humano, mas, espero que sejam suficientes para concluir que é neste cenário que deve ser construída a educação física educativa.

O próximo passo visa traçar em linhas gerais como seria possível pensar numa pedagogia corporal. Insisto, o conceito corporal deve ser entendido com a abrangência da unidade e da totalidade do ser humano.

### 7.3 Auto-aceitação

O primeiro gesto que manifesta a auto-aceitação é o reconhecimento da identidade corporal. A criança começa por reconhecer seu corpo. O adjetivo possessivo “seu” é inadequado. O certo seria dizer, se reconhece corpo. E não só reconhece a si mesmo como corpo, porque vive corporalmente, mas também reconhece o outro como corpo. O que importa é a presença e o contacto. Basta lembrar os ensinamentos da pediatria atual, que privilegiam o contacto epidérmico com a mãe. É bom lembrar que o corpo diz sempre, e sem dizer, estou aqui. O corpo é necessariamente presença.

Há uma única dinâmica para haver a auto-aceitação, o amor. O primeiro mandamento é amar-se a si mesmo. Nada melhor do que recorrer às palavras da mestra Gerda, “A rigor, somos filhos do amor, e a biologia de nossas corporeidades, assim como a de nosso desenvolvimento infantil, pertence à biologia do amor”. Ainda, segundo ela, está suficientemente comprovado que o crescimento normal de uma criança requer a biologia da mútua aceitação em interações corporais íntimas com a mãe. Nesta mesma ótica, estudos revelam que a maioria de nossas doenças, desvios e desequilíbrios surgem de alguma interferência em nosso operar na biologia do amor.

Gostaria, fazendo um pequeno parêntese, lembrar o que diz Maturana a respeito do amor. “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Infelizmente, a palavra amor foi desvirtuada, e a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade”. E ele observa que ao falar do amor não pensa a partir do Cristianismo, mas com base na biologia. E vai mais longe ao comentar que, quando Jesus Cristo coloca o grande mandamento do amor, ele se revela um grande biólogo, pois o amor é a primeira condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual tanto da criança quanto do adulto. Voltando às palavras de Maturana: “Repito: sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social. (31) Mas a aceitação de si mesmo e o auto-respeito não se dão se os afazeres de uma pessoa não são adequados ao viver. (p.31)

A convivência no amor faz parte dos comportamentos que têm um valor em si mesmos, isto é, não visam um objetivo externo. A brincadeira é outra forma de comportamento que possui um fim em si mesmo. O bebê encontra sua mãe na brincadeira. A amar e brincar são dois fundamentos que garantem a constituição do humano. Diz Gerda que qualquer bebê, humano ou não, precisa encontrar uma mãe que o confirme como bebê no brincar para poder crescer e ser capaz de viver uma vida sadia e solidária.

## 7.4 Eco-alfabetização corporal

As pedagogias cognitivas construir os fundamentos de suas teorias sobre uma compreensão de capacidades intelectuais colocadas acima e, talvez, fora da corporeidade. O psíquico ou o mental seriam entidades independentes. O processo de alfabetização, por elas proposto, está concentrado na psicogênese do domínio da língua escrita, aí incluída a aritmética. Daqui em diante tornam-se dominantes as teorias pedagógicas com base no fenômeno do ensino/aprendizagem.

A eco-alfabetização corporal não pode ser apresentada como um contraponto às pedagogias cognitivas, nem como uma ação complementar, mas como a educação plena do ser humano. Talvez, antes de se falar em eco-alfabetização corporal, seria preciso tratar da educação ou alfabetização corporal. No meu entender, julgo que só é possível falar em educação corporal dentro das três ecologias descritas Félix Gattari. Pertencemos simultaneamente a três eco-sistemas, portanto a três ecologias. A pessoal que diz respeito a eco-sistema que cada um é, a natural, por pertencermos à natureza e o social por estar inseridos numa ordem sociocultural.

A eco-alfabetização corporal funda-se no mandamento da aceitação e do respeito de si mesmo. Nela reside a condição indispensável para se começar sentir e ouvir a linguagem do corpo. O Corpo é como expressão e fala, proclamou Merleau-Ponty em sua obra Fenomenologia da Percepção. E para que entender essa fala nos traçou a estratégia através do princípio da reversibilidade, como a mão que toca e a mão que é, ao mesmo tempo, tocada. Assim o corpo que se expressa e fala é, ao mesmo tempo, receptor e ouvinte.

O importante é descobrir qual é a linguagem do corpo. O corpo fala a linguagem da emoção, da paixão, do sentimento, do sofrimento, da dor e, por incrível que pareça, também a linguagem da razão. A fala mais poderosa do corpo expressa a força das necessidades vitais, dos desejos e da presença.

Acontece que todos essas manifestações do corpo não nos habituamos a percebê-las imediatamente nele, porque aprendemos a desconfiar dos nossos sentidos. Precisamos de um intermediário, por isso preferimos confiar no olhar, no ouvido, na visão do outro e nos instrumentos usados para nos analisar. O saber de quem está dentro é tratado como contaminado, comprometido e viciado. Só o conhecimento que vem de fora merece credibilidade. Entretanto Maturana nos alertou: “temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nosso agir conosco mesmo, em nossas relações com os outros seres humanos e com a natureza, e temos nos equivocado”.

A escuta da fala do corpo não se dá pela aplicação de lógicas racionais, mas pela interpretação de seus apelos em nome das necessidades de viver. A socióloga Agnes Seller, em seu estudos, concluiu que somos portadores de dois blocos de necessidades. Um bloco é composto pelas necessidades que tem a ver com as raízes do ser humano. São as necessidades de introspecção, de amizade, de amor, de brincar, de convivência. Elas constituem a própria pessoa, o seu viver e o seu bem-estar. Apenas para completar, no outro bloco encontramos as necessidades de poder, de domínio, de dinheiro, de consumismo, e de acumulação de coisas.

Fica claro que o primeiro bloco de necessidades constitui o fundamento da eco-alfabetização corporal, inspirada na auto-aceitação e no respeito de si mesmo, razão primeira da formação pessoal. O segundo bloco, o das necessidades quantitativas, faz parte da formação profissional.

## 8. O corpo como identidade humana

Falar do corpo como identidade humana causa muitas desconfianças, exatamente porque sempre nos identificamos a partir da mente. Duas definições dominaram, no ocidente, a compreensão do ser humano. A primeira, o homem é um animal racional, nos vem desde os gregos. A segunda nos foi oferecida por Blaise Pascal, o homem é um ser pensante. Dizia ele, o homem pode ser um caniço, mas é um caniço pensante. A razão e o pensamento não são negados pela idéia da identidade corporal do homem, pelo contrário, são reafirmados. A novidade está em que tanto a razão quanto o pensamento são operações da corporeidade, e não entidades independentes.

Uma vez aceita a identidade corporal, se chega à conclusão de que o corpo é o conjunto de todas as possibilidades de cada indivíduo. Quando a razão ou o pensamento são adotados como a identidade do indivíduo, acaba-se por reduzir o corpo a mero coadjuvante. E, em muitos casos, ela passa a ser um limitador do desempenho mental e racional.

A aceitação do corpo, como o conjunto de todas as minhas possibilidades, leva, obrigatoriamente, a me empenhar em realiza-las. Isto significa dizer que as próprias operações mentais, de consciência e de autoconsciência são concretizações de possibilidades corporais. Possibilidades a serem desenvolvidas e cultivadas em benefício do corpo e não em sua exploração.

Infelizmente, digo eu, desde o nascimento somos educados a rejeitar o próprio corpo. As fórmulas desta rejeição são múltiplas. Começam com normas morais e crenças religiosas. Passam a ser reforçadas pela imposição de modelos estéticos culturais. Encontram poderosos estímulos nos índices de rendimento, tanto no trabalho, quanto nos esportes. Por fim, se apresentam como seduções irresistíveis de sedução e de consumo. Essa multiplicidade de fórmulas o corpo torna-se objeto de uso e propriedade à disposição de seu senhor. O corpo não passa de um instrumento. E todo o instrumento se desgasta. A razão instrumental é passageira. Entretanto, para todo ser vivo humano ou não, o corpo é sua vida, isto é, seu ser.

## 9. Palavras complementares

Não fui capaz de chegar a uma conclusão, por isso achei mais adequado acrescentar algumas palavras complementares. Começo por afirmar que, no meu entender, a oposição entre educar e profissionalizar ou entre viver e trabalhar, não passa de um falso problema. Ou, no mínimo, de um problema artificial gerado pelos dualismos que proclamaram a independência de entidades como a psique, a razão, a mente ou a alma. A unidade do ser humano, não como somatório de partes isoladas, mas como totalidade orgânica, denuncia a artificialidade ou a falsidade do problema.

A educação física, enquanto ação educativa de fato, pode reconstruir a unidade como totalidade do ser humano. Ela se confunde com o próprio processo de auto-desenvolvimento conduzido pelas estratégias da vida. Sendo assim a educação física se torna sabedoria de viver. Até agora a educação física não cumpriu o que diz o seu nome. Ela foi tudo menos educação. Foi disciplinadora, higienista, treinadora, malhadora, retalhadora, classificadora de corpos.

Se a educação física quiser ser sabedoria de viver deve estar presente desde o início da vida humana. Da fecundação à morte. A escola é apenas um momento importante, não acredito que seja o mais precioso, para cultivar a corporeidade sob o signo do amor de si mesmo. A vivência da corporeidade, guiada pelo amor, mostra que não há corporeidade isolada, mas inter-corporeidade. Os corpos humanos constituem, na verdade, uma unidade corporal entre todos os seres humanos, com a

natureza e com a ordem cultural. A inter-corporeidade necessariamente leva a inter-subjetividade. Nós, os mamíferos, nos constituímos seres vivos numa relação íntima e orgânica com os nossos geradores. O nascimento é representado como certa independência que aos poucos vai e deve ser ampliada. Eu ousou contestar essa compreensão do nascimento como o início de independência. Prefiro ver no nascimento uma forma ampliada de relações íntimas e orgânicas com outras corporeidades, a dos homens e a de todos os seres. Fazemos parte do mundo e da humanidade. Melhor, somos mundo e humanidade. É a unidade cósmica.

A nossa história, entretanto, nos mostra que agimos ao contrário. Julgamos que a afirmação de nossa individualidade exige a ruptura com o mundo exterior. Cada um se proclama senhor absoluto de si mesmo. Todos juntos nos proclamamos senhores absolutos da natureza. Nos esquecemos que somos resultantes do processo evolutivo. Somos criaturas originárias da sua sabedoria. A natureza é responsável pelo surgimento dos seres vivos, e a sabedoria da vida gerou os seres humanos. Esse esquecimento é responsável pela ruptura radical entre nós e a natureza. A natureza foi reduzida a um acervo de matérias primas colocadas a serviço do homem. Ela pode ser explorada, violentada e destruída, em nome do progresso.

Hoje, todos sabemos, que há um esforço enorme para tentar nos reaproximar da natureza, em especial do planeta Terra. Ele é nossa casa, ele faz parte de nossa corporeidade, com ele constituímos uma inter-corporeidade. Há, entretanto, um outro divórcio, muito mais perigoso embora idêntico ao daquele entre os homens e a natureza. Refiro-me ao divórcio entre a mente e o corpo. Assim como a humanidade se julga senhora do mundo, a mente se proclama a proprietária do corpo, podendo fazer com ele o que bem lhe aprouver.

A pedagogia que eu imagino para a educação física educativa precisa construir-se sobre a corporeidade do ser humano, no interior da inter-corporeidade e da inter-subjetividade. Até agora as pedagogias ouviram a voz da mente e construíram a educação cognitiva centrada no ensino/aprendizagem. A pedagogia da educação física educativa deveria começar ouvir a fala do corpo. A fonte de inspiração é o discurso do corpo que, em hipótese nenhuma, pode ser confundido com o discurso sobre o corpo. Esse é elaborado a partir da mente. Nele a educação física fundou sua identidade e sua operacionalidade acadêmica.

O nome mais correto para definir a pedagogia, inspirada pelo discurso do corpo, é a pedagogia do desejo. As necessidades vitais do corpo se manifestam em forma de desejos, inclusive o desejo de conhecer. Infelizmente as nossas políticas pedagógicas definiram o coeficiente de inteligência como a senha de ingresso nas escolas. Os desejos devem ser reprimidos ou reduzidos ao único desejo de conhecer, muitas vezes resultante da motivação vinda do professor. O conhecimento tornou-se o mediador entre a pessoa e a realidade. O desejo, ao contrário, é o contacto direto. O desejo é resultante das aspirações de viver e, mais precisamente, da busca da solução das questões existenciais.

A pedagogia do desejo procura garantir um espaço para os desejos de cada um entre os desejos da sociedade. Esther Grossi afirma que “saber e conhecer não podem ser entendidos como atividades do cérebro ou do espírito. Saber e conhecer implicam o desejo e a relação”. Cesare de Fiorio La Rocca, idealizador do Projeto Axé de Salvador, disse a respeito da pedagogia do desejo que “o desejo tem a força e a capacidade de integrar emoções, sonhos, a mente e a capacidade de sonhar”. (...) “É na capacidade de sonhar e de desejar que está, para a criança, a única maneira que ela encontra para introduzir-se no processo do aprender.” (GEEMPA n° 2, p.22).

A pedagogia do desejo, aquela que seria a mais adequada para a educação física e para toda educação, encontra sua legitimidade na sabedoria da parcela de vida presente no corpo. Esta sabedoria gerou todas as formas de vida e continua operando transformações sem preocupar-se com

planejamentos ou lógicas inventados pelos homens. A sabedoria da vida não precisou do homem para inventar o homem. Ela orientou-se pelos desejos da natureza.

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 28 de agosto de 2005.